

## A REDE, MEMÓRIAS COMPARTILHADAS

Grupo Teatral Junto e Misturado (Lauro de Freitas – BA)

### Por Henrique Vertchenko

Apesar de relativamente pouco presente nos palcos, a ficção científica possui uma longa tradição sobretudo na literatura, nos cinemas, em séries de TV e nos quadrinhos. Esse gênero tem como base uma especulação ficcional em relação ao futuro, à ciência e à tecnologia, e seus impactos nos indivíduos e sociedades. Normalmente, recusa o sobrenatural e a fantasia para atestar a possibilidade daquele outro mundo a partir de um lastro de racionalidade, afinal, a ficção científica é fruto da ciência moderna e do desenvolvimento capitalista. A questão da temporalidade é fundamental, sendo uma constante a localização dessas ficções no futuro. Como uma das possíveis vertentes da ficção científica, esse futuro pode ser consequência de sistemas políticos e econômicos que levaram o planeta ao caos. Há aí uma interseção com a distopia. Nesse ponto, se situa a proposta do espetáculo *A Rede, memórias compartilhadas*, do Grupo Teatral Junto e Misturado, apresentado no FETO BH.

É sintomático que, a despeito da escassez de obras de ficção científica no teatro, o mote da distopia tenha ganhado força em produções recentes, como pôde ser vislumbrado no espetáculo *Eclipse Solar*, apresentado dentro da programação do Festival na noite anterior. Indicativo, provavelmente, da falta de referências, da carência de utopias e de um futuro caótico que se faz bastante presente. Assim, *A Rede, memórias compartilhadas* é fruto de nosso próprio tempo e das inquietações de seus membros, bastante empenhados em seu propósito.

Passada no ano de 2052, a peça nos revela personagens confinados em um espaço, espécie de bunker, e impossibilitados de sair devido à devastação exterior. O mundo entrou em colapso, não há luz do lado de fora, somente poluição e rastros de guerra, não é possível olhar para o céu e ver as estrelas devido à radiação, e os seres humanos nômades que restaram se movem pelo ódio, tendo perdido o afeto e o amor. Como diz o canto inicial, “Aqui quase não dá pra se viver”. Nesse universo pós-apocalíptico, um grupo sobrevivente formou “a rede”, ajuntamento que ainda busca os sentidos da humanidade e a força para (re)existirem a partir de seus cacos. Eles ouvem notícias de fora por um membro perdido através de um rádio e precisam de roupas especiais vedadas e máscaras de oxigênio para sair e buscar mantimentos, cada vez mais escassos. O mundo é dividido em zonas de perigo, verde, laranja e vermelha, pelas quais eles precisam se proteger, avançar ou recuar.

Nessa espécie de drama de confinamento levado ao limite da tensão, as personagens são obrigadas a conviver e a buscar meios para sobreviver, o que gera constantes brigas e disputas por micropoderes. Os cortes líricos sobre o passado, por meio de *flahs-backs* ou solilóquios, revelam saudades ou pistas acerca do modo como se chegou àquela situação, a exemplo da revelação de que as redes sociais provocaram um colapso entre as potências mundiais e da representação de uma manifestação popular, o que lança nosso olhar para algo mais palpável. Um único momento de fuga desse contexto opressor e sufocante, ocorre quando alguém consegue trazer um pouco de bebida e os corpos se transformam, abrindo espaço para o gozo e o amor. Com o decorrer da narrativa, se faz necessário que alguns membros da Rede saiam para buscar suprimentos, levando a baixas no grupo. Revela-se, então, que Diego, um deles, era um traidor e havia criado uma armadilha para os outros irem até a zona inimiga.

Nesse ponto, talvez resida a principal fragilidade do espetáculo. Se por um lado a história de um coletivo resistente em meio ao caos possui enorme potência, por outro, a construção

dramatúrgica e o tipo de conflito escolhido resvalam em tom melodramático próprio de roteiros novelísticos. Assim, lugares comuns, como a revelação de um vilão, a arma que não funciona, um maniqueísmo deliberado e um sentimentalismo exacerbado – que se revela principalmente a partir de memórias que podem ser pessoais – talvez não contribuam para a criação de uma dinâmica cênica própria. A questão subjacente, que vem aqui como provocação, é: qual o tom da ficção científica no teatro e como me apropriar desse gênero criando uma linguagem própria? A seriedade imposta ao tema e ao drama gera ausência de ironia, afinal, apocalipses se sucedem e, quem sabe, seja necessário guardar certa distância crítica dessa distopia. Também se faz necessário pensar como o recurso da câmera ao vivo – projetado de maneira interessante em portas de escaninhos - pode ser potencializado a fim de acrescentar camadas à narrativa.

Ao mesmo tempo, a força do espetáculo se dá no cruzamento do ficcional com o real das experiências pessoais; na relação com a memória que precisa ser deixada para trás; na percepção de que poder é diferente de potência (“o poder submete, a potência liberta”); na interrupção da execução do traidor como consciência de que a violência é um ciclo infinito que precisa ser rompido e de que todas as vidas importam; na pergunta de fundo “qual o seu anjo?”, isto é, o que te move e por quem você luta. A mensagem de esperança se torna espécie de manifesto ao final. O áudio ouvido pelo rádio indica que o membro externo chegou a um lugar bom e o canto entoa que “Estou aqui para dizer que não é o fim. Não perca a esperança em mim. Não deixe o que há de bom morrer”. A condução do público até um varal com fotos tiradas ao longo desta 19ª edição do FETO articula o tema da peça ao modo de produção em que está inserido. O próprio Festival é, assim, símbolo de renascimento, esperança e possibilidade de futuro.